



O Rio de Janeiro segundo Carlos Monteiro

Sumário

4

O FOTÓGRAFO DO AMANHECER

5

GENTILEZA GERA MAIS AMOR
POR FAVOR

7

O SOM NOSSO DE CASA DIA,
DIA APÓS DIA

9

SALVE JORGE

10

O CAVALEIRO E O RELÓGIO DA
CENTRAL DO BRASIL

11

SOB O CÉU QUE NOS PROTEGE

12

A BAÍA DE GUANABARA, ESPELHO
DE UMA CIDADE MARAVILHOSA

TODAS AS FOTOS DESTA EDIÇÃO
SÃO DE CARLOS MONTEIRO.





NOTA DO EDITOR

O Rio de Janeiro sempre encanta pela exuberância de sua paisagem, da sua fundação por Estácio de Sá em 1º de março de 1565 até os dias de hoje. São seus encantos naturais como a orla, a vegetação e suas belíssimas montanhas banhadas pelo sol de janeiro a janeiro que a transformaram em esplêndido cartão postal do Brasil.

É esta cidade e o colorido especial de seus habitantes e amantes que despertaram no jornalista, publicitário e escritor Carlos Monteiro o desejo de fotografar diariamente o seu amanhecer. E como se a beleza das imagens não fosse suficiente, Carlos Monteiro emprestou à fotografia o brilho dos seus textos, resgatando com eles momentos e personagens que fazem desta cidade um palco iluminado do bem viver.

Nós, desta revista digital, nos sentimos orgulhosos de poder compartilhar com os leitores tanta beleza, emoldurada por imagens e textos que são pura poesia.

Boa leitura. Até a próxima semana.

EXPEDIENTE

Luxury Week é uma revista semanal focada em variedades produzida pela Editora Olympia (www.editoraolympia.com.br) e distribuída gratuitamente em plataformas digitais por sites parceiros que fornecem conteúdo jornalístico e literário para suas edições.

Editor-chefe: Carlos Franco

Editora internacional: Yume Ikeda

Colaboradores: Marco Hiroshi, Christina Tavares, Rita Almeida, Maria Helena Guimarães, Paulo Thiago, Rodrigo Vidal, Tiago Ribeiro, Eduardo Silva Bernardt, Valdo Santos e Yacy Nunes.

Imagens: Francisco Jr., Carlos Monteiro, Stúdio Mar Adentro, Pixabay, Freepick, assessorias de imprensa e agências de publicidade.

Diagramação: Paulo Pereira e Marcelo Begosso.

E-mail: redacao@luxuryweek.com.br

EDITORA OLYMPIA
AVENIDA RONDON PACHECO, 2300 SALA 65/
UBERLÂNDIA/MG/CEP 38408-404
editoraolympia@editoraolympia.com.br



O fotógrafo do amanhecer

Carlos Monteiro nasceu no Rio de Janeiro do final da década de 1950, quando a cidade se preparava para ser imortalizada pela Bossa Nova e o sotaque baiano de Dorival Caymmi emprestava à praia de Copacabana o seu títulos de Princesinha do Mar. Ainda jovem, o jornalista que tem hoje 62 anos, ingressou no mercado de trabalho no “Jornal dos Sports”, onde Nelson Rodrigues brilhava nas páginas. Da convivência com o genial jornalista, escritor e dramaturgo, Carlos Monteiro herdou o prazer de contar boas histórias e o afiado olhar para revelar por novos ângulos as paisagens do Rio de Janeiro e seus habitantes. Eram os tempos dourados do rock'and'roll e nada mais natural que ingressasse na equipe que inauguraria a publicação “História e Glória do Rock” até que chegasse à “Revista O Cruzeiro”. A partir daí aliou a paixão pela fotografia com a elegância do texto. Publicou três livros sobre o Rio e também passou a se dedicar ao mercado publicitário na premiada agência Saravah. É flamenguista e portelense, mas, acima de tudo, um apaixonado pela Cidade Maravilhosa. Os textos e fotos desta edição especial são de sua autoria e revelam um olhar apaixonado por uma cidade encantadora que Carlos Monteiro sonha seja acolhedora em sua diversidade e em seu ritos como o amanhecer que todos os dias registra saudando a aventura de viver.





Gentileza gera mais amor por favor

O Profeta Gentileza e sua delicadeza em flores astrais, físicas e espirituais, distribuídas e semeadas, ao longo de anos, pela Cidade Maravilhosa e em terras de Araribóia, foi telúrico, metafórico e visceral. Mostrou ao Rio de Janeiro que, se quisermos “Celacanto não provoca maremoto”, não provoca sismos, não provoca guerras. Muito pelo contrário, a gentileza é agente provocadora de paz e gratidão... era José Agradecido e enobrecido, pura ternura.

Vivemos um momento conturbado em que o coletivo tem tomado muito mais as formas ‘eu’ e ‘meu’, em que as almas têm se trancado em feudos, murados de egos, aflorados em ids, desequilibrados em superegos. Momentos de um ‘venha a nós, deixando ao vosso reino absolutamente nada’. Encimamentos e egocentrismos, os ególatras estão à postos! Afasta-nos desses ó Pai!

Ímpar em sua singularidade, o “eu maior” rege esse império, mesmo que esta monarquia seja protegida por exércitos brancaleônicos fardados em utopias e quimeras. Farrapos existenciais de idolatrias soberbas.

As chamas das fogueiras da vaidade, mais que nunca, são lume do egoísmo, atiçadas pelo mal querer, pelo mal poder e, principalmente, pela má vontade. A soberba toma formas inusitadas, encimadas pela falta de humanidade. Das cinzas brotam fanatismos, antes brotassem Phoenixs!

“...El amor es torbellino de pureza original.../...El amor con sus esmeros al viejo lo vuelve niño/Y al malo sólo el cariño lo vuelve puro y sincero...” é a mais pura tradução da alquimia do amor nos versos de Violeta Parra ou quem sabe nas trombetas angelicais. “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine”. O amor “Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade”. O amor “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. [1 Coríntios 13: 1; 6,7].



A vaidade vem tentando fincar raízes, mas, o terreno é pantanoso, instável e perigoso; porque "...O homem que diz sou/Não é!/Porque quem é mesmo é/Não sou!/O homem que diz: Tô/Não tá!/ Porque ninguém tá/Quando quer...". Saravá Baden! Saravá Vininha! Saravá Ossanha!

Os tentáculos arditos da veleidade, fazem imergir ufanismos perversos capazes de afastar, sobremaneira, o que há de melhor em cada um. Apaga o logos.

Aforismos. O amor deve ser pago com amor? Gentileza gera gentileza? Nome-do-pai...? Adágios de realidade em sociedade. Mero apotegma existencial.

Dias difíceis em que a solicitude e prestatividade ficaram em baixa. O lugar comum, "novo normal" suscitou sentimentos divergentes, pintou cenários plúmbeos, deixou a psique à deriva. Generosidade não é mais a palavra de ordem... Talvez Freud explique, quem sabe? Ou não...

A velha esperança de tudo se ajeitar deve brotar no amor sublime e na partição do pão nosso de cada dia. Por mais tapumes Lerfá-Mur em chão de giz! Por mais 'Gentilezas', por mais rosas vermelhas do bem querer, por mais loucos de amor e malucos-beleza.

Que brotem sementes, frutificando todo sentimento nas metáforas mais sutis e belas, delicadas e deferentes. É dia, eu já escuto os teus sinais. É a bruma leve. Zéfiro em lufadas, límpido páramo.

"Solidários, seremos união. Separados, uns dos outros, seremos pontos de vista. Juntos, alcançaremos a realização de nossos propósitos." – Bezerra de Menezes.

Solidários, serenos, sagrados, sinceros, sóbrios, salutareis. Deixa fluir o amor e o sal da Terra!

Seremos um Rio de amor!



Som nosso de cada dia, dia após dia

Quantos sons fazem parte da nossa vida? Quantos sons fazem parte da nossa história? Quantos chamados fazem parte do nosso pertencimento, da nossa memória-sonora-afetiva? Não são ruídos, são sons, chamados, muitas vezes burlescos, insana sonoridade, reminiscências especiais.

Lá em Santa, recordo, ainda quase rebento, da 'Vaca Leiteira'. Um pequeno caminhão tanque adaptado que vendia, obviamente, leite de porta em porta. Não prezava pela higiene. O motorista era ao mesmo tempo também o atendente e o caixa. Consistia em levar seu vasilhame, que era abastecido por meio de uma torneira na traseira do veículo. Foi proibido logo depois. Se descobriu que misturavam uma série de 'insumos' ao lácteo: urina das vacas, formol, água e por aí vai. Foi substituído pelo leiteiro da Vigor, com garrafas fechadas por pequenas lâminas de alumínio. O produto passou a ser pasteurizado. Deixava-se a garrafa vazia com um passe adquirido previamente, que era substituída por uma envasada. Mas, o que isso tem a ver com som? O pequeno caminhão contava com uma buzina em som de mugido que anunciava sua presença. Muuuuuuuuu!

Outros mascates interessantes, retratados no início do século XIX por Jean-Baptiste Debret e nos anos 1910 pelo fotógrafo Marc Ferrez, tinham 'chamamentos' muito peculiares. Era no gogó, não tinha essa de alto-falante, de amplificador, de música-tema. Quando muito lançavam mão do megafone em latão ou do som tirado da pedra de amolar. Os afiadores, mais harmoniosos, chegavam à solar algumas músicas, melodias em puro silvo. Um deles tocava os hinos dos times de futebol carioca. O gazeteiro da Casa do Pequeno Jornaleiro e seu 'exxxxtra, exxxxtraaaaa'. O verdureiro e seu cesto recheado de hortaliças e um tonitruante 'verdureiiiiiiiiiiro', o triciclo do tripeiro que gritava 'oiii o bucho, tem bofe, tem tripa, tem coração, rimm e figooooo!' Um dia, atrevido, fui até ele e, com jeito, expliquei que não era figo e sim fígado, no que fui retrucado:

— Ó menino, achas que sou burro? Estou a saber. Assim chamo mais atenção.

Sábio, fazia merchandising sem sabê-lo.

Tínhamos o garrafeiro, maldosamente apelidado de 'burro sem rabo' e seu sotaque transmuntano; 'garrafeiiiiro', heranças portuguesas, muitos fizeram fortunas montando espaços para compra de recicláveis. Foi o precursor do 'carro do ferro-velho' está chegando à sua porta. Compro geladeira velha, ar-condicionado velho, latinha de cerveja velha... tenho dúvidas; não compra de refrigerantes? Alguns se modernizaram e oferecem serviço de 'limpeza do quintal catando todas as tralhas'. Música não pode faltar, na maioria das vezes gospel... "...uma nova história.../...E tudo aquilo que perdido foi..." de Fernandinho, troa nas trombetas das Kombis dos cacarecos perdidos num canto qualquer da existência passada. Romildo Guerrante e Christina Castello, dois pândegos, foram ao reciclador motorizado para saber se comprava 'mulher velha'. Receberam um sorriso em troca.



Música marcantes fizeram história e, por outro lado, quase acabaram com ela. “Für Elise” de Ludwig van Beethoven infernizou nas chamadas em espera das URAs – unidades remotas de autoatendimento – quanto nos carros da Ultragás. Um sacrilégio em 120 decibéis, atualmente substituída por versões tecnopop, que finalizam com um sonoro ‘oluuuugásssssss’ ou na versão “New Age” ‘ultragássssss’, quase uma Enya.

Com a motorização vieram o ‘carro da pamonha’; ‘olha as pamonhas quentinhas, feitas do puro milho-verde!’ O ‘carro do ovo’; ‘...são trinta ovos, eu disse trinta ovos branco por dezzzzz Reais freguesa!’ O ‘carro do pão’; ‘ é o carro do pão. Três pacotões de pão por dez Reais’. O ‘caminhão da laranja’, o ‘caminhão da banana’, o ‘caminhão do abacaxi’ que aprimoraram para o ‘caminhão das frutas’. O berreiro sempre o mesmo; ‘ olha a laranja, o abacaxi, olha as frutas direto do produtor. Eram vendidas no cento. Vieram para tudo: peixe, queijo e goiabada, nosso delicioso Romeu e Julieta, camarão... Há outros até engraçados como o ‘carro da Cândida’. Não se trata da fofoqueira televisiva dos anos 1960, retratada por Roberto Carlos em “Mexericos da Candinha”. Cândida, em São Paulo, é a água sanitária carioca. Imortalizou-se com esse nome por conta de uma marca pioneira, pura metonímia. O tal carro ‘está chegando a sua rua freguesa’, oferece os mais variados produtos de limpeza, feitos, segundo eles, de forma artesanal.

Atualmente a coisa está eclética e com vários meios para transportar os produtos ou serviços; o padeiro e sua buzina do Chacrinha vendedor de doces sonhos físicos e engordativos. Impressionante que ele nem precisa gritar mais, basta uma buzinação, em sua bicicleta provida com dois jacás, que imediatamente vai para o trono sem desclassificação. O ‘gol das quentinhas’ por módicos ‘dez Reais e dois pedaços de carne’, o gladiador do pão nosso de cada dia, com sua biga pelas ruas de Botafogo e ‘armadura’ formada por tampinhas de alumínio próprias para a proteção de ralos das pias, vendendo toda sorte de bugigangas úteis. Uma espécie de loja do 1,99 ambulante. O Vassoureiro e seu sortimento completo de itens, inclusive os antiquados espanadores, que mais deviam chamar-se espalhadores. A carrocinha de sorvete e as famosas ‘cinco bolas sortidas por um Real’. O paneleiro que é uma mão na roda para a dona de casa. O carro de som anunciando produtos e serviços. Um verdadeiro shopping a céu aberto em delivery.

Para quem mora próximo a uma delas, os sons das feiras-livres são arrebatadores e cheios de chavões lugar-comum: ‘mulher bonita não paga, mas também não leva’. ‘Na minha mão é mais barato’. ‘Baixoooouuu, agora é três!!! ‘Chegou o pião mágico’. Qualquer criança brinca e se diverte, não requer prática nem tampouco habilidade, é lançamento...’. Esse comércio tem lá seu encantamento. Quem nunca foi comer uma cavaquinhas na Feira da Glória ao som de samba de mesa ou um pastel ouvindo chorinho na Feira da Glicério? Caixinha obrigado!

Com o advento dos carros por aplicativos surgiu uma nova profissão: agenciador de passageiros para táxis. O sujeito fica ali gritando feito um louco ‘táaaaaaaxi senhor, táaaaaaaxi senhora?’ a fim de cooptar usuários para o serviço em ponto próximo. E como gritam.

Poderia haver o carro do silêncio, ouvidos agradeceriam.





Salve Jorge !

O Rio é uma Cidade Maravilhosa, abençoada pela beleza, natureza e pela santidade. Não à toa, Monteiro Lobato, que era paulista, a considerou o Almoxarifado de Deus, de onde o Criador retirou 'insumos' para concepção do Universo, deixando por cá as 'peças de reposição' permanentes.

Em sua santimônia, a mais bela cidade do planeta tem dois padroeiros: um oficial, São Sebastião, sincretizado como Oxossi na Umbanda e no Candomblé, e outro do coração eleito pelos cariocas: São Jorge ou Ogum nas religiões de matriz africana.

Todo 23 de abril é dia de Jorge. Salve Jorge, o Santo Guerreiro! Tem toque de alvorada, em clarim, saudando seu dia, tem fogos anunciando sua chegada, tem missa campal, tem bênção, tem bandeirada, tem cavalgada e procissão. Tem festa em um misto pagão e divino com feijoada e samba em sua homenagem.

Os terreiros e barracões ficam em festa. Tem oferenda e pontos entoados em seu louvor, pelas demandas vencidas nos campos de Humaitá. Tem espada-de-são-jorge cruzada para proteção.

Igrejas, ricamente enfeitadas para a data, rendem cultos a cada hora em seu louvor. Tem quermesse, tem venda de medida para colocar no pulso e no portão, na grade da capela e na carteira, para proteção. Tem medalhinha, imagem benta e patuá.

Jorge em Aruanda, o Santo Guerreiro que lutou contra o dragão da maldade. Lua de São Jorge, princesa Lucina, deslumbrante, cheia, branca e inteira, bandeira solta na amplidão, Lua de São Jorge, Lua brasileira, coração! Seu ginete, corcel branco, Ascalon, venábulo e azagaia. Jorge e Diocleciano, Jorge inegável fé. Mártir cristão. Santo protetor.

Os cariocas vestem branco, vermelho e azul em sua homenagem. São as roupas de Jorge. Todos andam vestidos e armados com as roupas e as armas de São Jorge, para que os inimigos, tendo pés não nos alcancem, tendo mãos não nos peguem, tendo olhos não nos vejam, e nem em pensamentos eles possam nos fazer algum mal. Para que armas de fogo os nossos corpos não possam alcançar. As facas e lanças se quebrem sem o nosso corpo tocar e cordas e correntes se arrebentem sem o nosso corpo amarrar. Todos vestidos com as roupas de Jorge.

Jorge é conde da Capadócia, sentou praça na cavalaria, Tribuno Militar, Salve Jorge, o Santo Guerreiro! General de Umbanda do Humaitá. Ogunhê!

Salve Jorge!



10

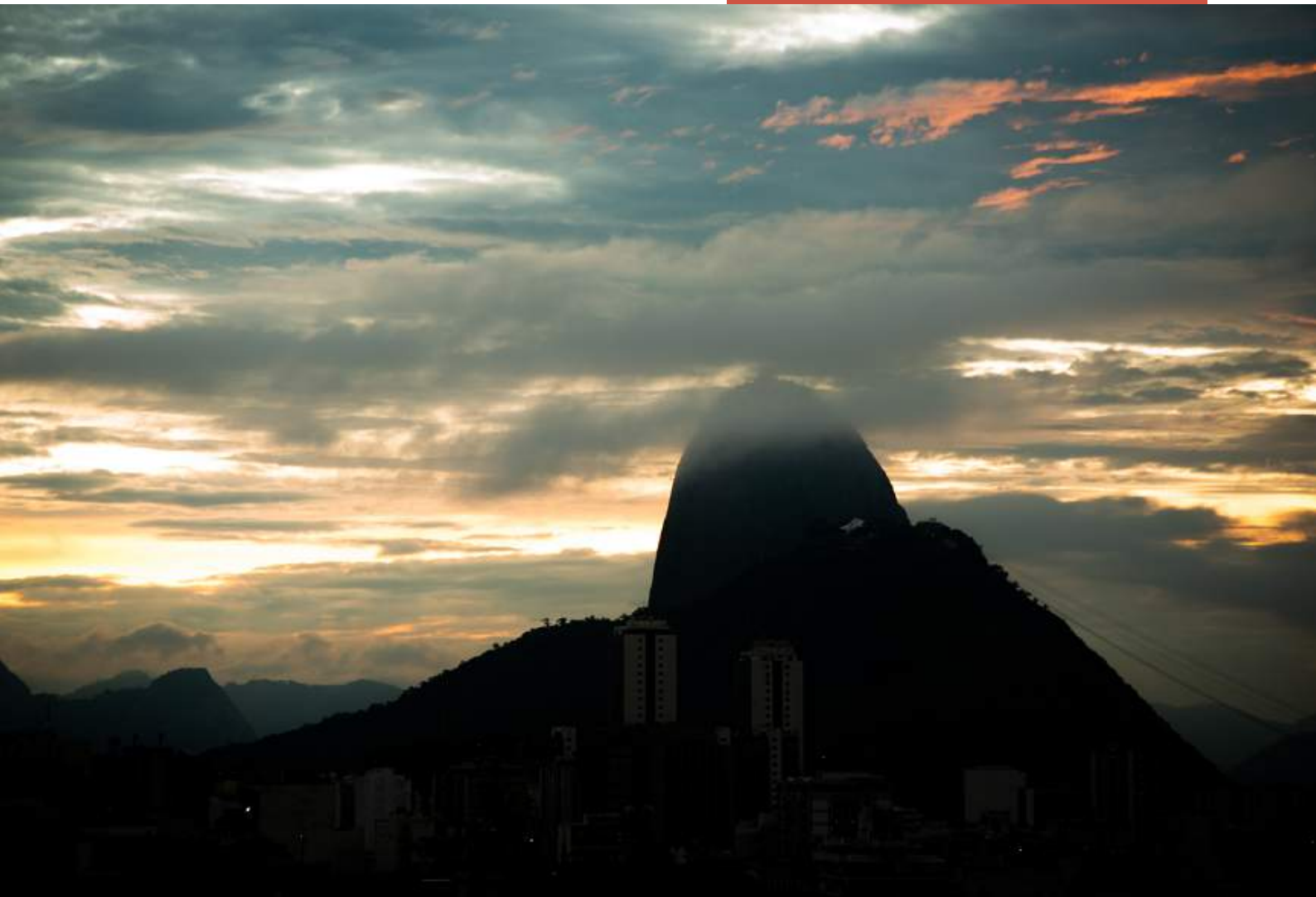


O cavaleiro da Central do Brasil





Sob o céu que nos protege





ANO 1/VOLUME 1/NÚMERO 3/JUNHO/ 2021

